

8.3 ESPIRITUALIDADE, AUTOCONHECIMENTO E EXPRESSÃO ARTÍSTICO-CIENTÍFICA

Gazy Andraus¹
 Maria Regina Ceravolo²

Pesquisador INTERESPE/CAPES/CNPQ: Prof. Dr. Gazy Andraus.
Estudante INTERESPE/CAPES/CNPQ: Prof^a. M^a. Maria Regina Cerávolo.
Orientador/Líder: Prof. Dr. Ruy Cezar do Espírito Santo.

Linha de Pesquisa: espiritualidade e autoconhecimento do Grupo de Estudos e pesquisas sobre espiritualidade e interdisciplinaridade na Educação – INTERESPE.

Instituição: Faculdade de Educação - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

A pesquisa aborda o tema: espiritualidade, autoconhecimento e expressão artístico-científica.

Objetivos: nesse 1º semestre de 2017, cumprindo o previsto anteriormente, se aprofunda na pesquisa da História da Arte para o entendimento das origens da Arte Visionária, estudando-se a obra Gaia, do artista visionário Alex Grey. Trabalhos como a pintura 'Gaia', de Alex Grey servem para uso interdisciplinar educacional incentivando o reconhecimento e afloramento da inteligência sensível (intuitiva aliada à racional). Com bases da ciência cognitiva perpassando pela Arte pré-histórica; romantismo – William Blake; impressionismo – primeiro movimento da arte moderna, focando em Manet; simbolismo, postura espiritual aberta, programa múltiplo de contraste contra a perfeição clássica, passando pelo expressionismo, interioridade do artista, Die Brucke, Der Blaue Reiter, Kandinsky; arte abstrata; surrealismo, figuração imaginativa; Max Ernest; Hieronymous Bosch; Goya; Salvador Dali; surrealismo abstrato, Joan Miro; Hans Arp; arte psicodélica e finalmente, arte visionária, enquanto movimento histórico cultural, realismo fantástico e arte fantástica. Objetivamos com este subtema de nossa pesquisa a atualização dos conceitos

¹ **Gazy Andraus:** graduado em Educação Artística pela FAAP, e mestrado pela UNESP versando sobre histórias em quadrinhos (HQ) com mensagens koânicas. Seu doutorado em ciências da comunicação pela ECA-USP enfatiza a importância das HQ como arte e comunicação que podem e devem ser usadas no ensino, inclusive o universitário, já que promovem uma inteligência sistêmica (cartesiano/criativa), e sua tese foi premiada como melhor de 2006 pelo HQMIX. É professor designado do curso de Pedagogia da UEMG, unidade Campanha/MG, pesquisador do Observatório de Quadrinhos da ECA-USP, autor de HQ autorais adultas de temática fantástico-filosófica e editor independente de *fanzines*. **Contato:** yzagandraus@gmail.com

² **Maria Regina Cerávolo:** graduada em Educação Artística – FAAP SP – Licenciatura Plena; Mestra em Comunicação e Semiótica – PUC SP; Pós-graduada em Arte Terapia – PUC SP; Curso de publicidade - Escola Pan-Americana de Artes. Coordenadora de cursos no campo empresarial, como Comunicação, Oratória e Vendas. Estudante do Interespe. **Contato:** mrceavolo@uol.com.br

de arte, através de uma visão holística pela arte exemplificadamente imagético-informacional do artista Alex Grey, cuja obra é expressa por pinturas 'místicas' e de camadas amplificadas pela consciência transcendente. A bibliografia principal, por agora, escolhida baseia-se nos historiadores da Arte: E. H. Gombrich, Herbert Read, Giulio Carlo Argan e H. B. Chipp. A visão de Jung sobre a arte, assim como de alguns de seus colaboradores, pertence ao nosso foco de pesquisa.

PROPOSTA PARA CONTINUIDADE EM 2017: a abordagem poderá continuar com o encaminhamento e pesquisa nas artes e ciências, com bases em referenciais cognitivos e de mudanças paradigmáticas da ciência, incluindo paralelismos com filosofias não cartesianas como as espiritualistas (zen budismo e os koans, taoísmo e sua arte do "agora", dentre outras), incluindo utilização de expressões artísticas contemporâneas como as Histórias em Quadrinhos Autorais artísticas e os *fanzines* e zines (além de outras expressões fronteiriças das artes), que auxiliam no autodesenvolvimento e aprimoramento do próprio autoconhecimento amplificando a inteligência mental sistêmica de quem as absorve e as produz, bem como de quem se aprofunda em tais pesquisas. Tais deliberações podem ser coadunadas por teorias da expansão do hemisfério cerebral direito que traduz uma complexidade mental atinente ao todo, ao holístico, suportadas por teóricos como De Gregori, Ken Wilber, Jill Bolte Taylor, Amit Goswami, Huberto Rohden, Carl Gustav Jung, James Hillman e Gustavo Barcellos, dentre outros.

Resultados da pesquisa pelo pesquisador Gazy Andraus

A arte transcendental de Grey: informação imagético-holística e estudo de caso da obra: Gaia.

Descrição: atualização dos conceitos de arte, por meio de uma visão holística pela arte exemplificadamente imagético-informacional do artista Alex Grey, cuja obra é expressada por pinturas "místicas" e de camadas amplificadas pela consciência transcendente. Tais deliberações podem ser defendidas por teorias da expansão do hemisfério cerebral direito que traduz uma complexidade mental atinente ao todo, ao holístico, suportadas por teóricos como De Gregori, Ken Wilber, Jill Bolte Taylor, Amit Goswami, Huberto Rohden, Carl Gustav Jung, James Hillman e Gustavo Barcellos. Ademais, trabalhos como a pintura "Gaia", de Alex Grey servem para uso interdisciplinar educacional incentivando o reconhecimento e afloramento da inteligência sensível (intuitiva aliada à racional) e para a questão das artes, temos como suporte E. H. Gombrich, Herbert Read, Giulio Carlo Argan e H. B. Chipp e C. Gustav Jung.

"Amor, consciência e criatividade são os mais altos refinamentos da força evolutiva cósmica". Alex Grey.



Fig. 23: “Gaia” - Arte de Alex Grey³.

A importância da imagem, das artes, à mente criativo/intuitivo/espiritual do hemisfério direito cerebral: as artes em geral (tanto quanto as imagens, incluindo nelas as **Histórias em Quadrinhos** (ou HQ), auxiliam na educação completa do ser humano, pois não somente as informações racionais cartesianas dos livros didáticos são necessárias. Isso porque a mente humana funciona nos módulos hemisferiais direito e esquerdo do cérebro (vide fig. 24).

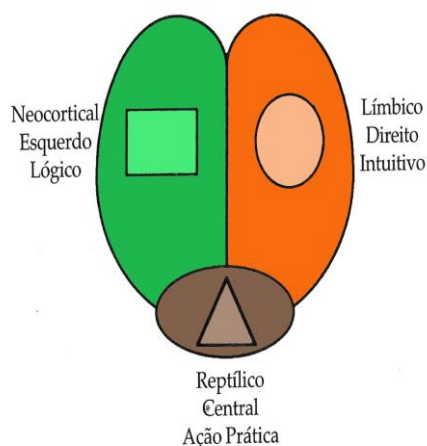


Fig. 24: módulos hemisferiais direito e esquerdo do cérebro.

Fonte: De Gregori, 1999.

³ Fonte: <http://alexgrey.com/art/paintings/soul/gaia/>).

O lado cerebral esquerdo ativa e atua no racional, enquanto que o direito no criativo. O racional codifica e nomeia linearmente as coisas, e o direito “vê” e intui tudo. Juntos, eles tornam o ser humano mais inteligente e capaz de discernir e raciocinar, mas também capaz de criar e se emocionar (inteligência holística ou sistêmica).



Fig. 25: Cérebro. Fonte: De Gregori, 1999.

Porém, em geral desconhece-se que as artes poderiam ser usadas para um melhor desenvolvimento ambihemisferial do cérebro humano, já que o hemisfério direito é o responsável pela criatividade e leitura de imagens, enquanto que é no esquerdo que a racionalidade codifica e interpreta linearmente as informações, sejam elas fonéticas ou imagéticas. A experiência com o uso das imagens vem demonstrando que sua visualização pode ser enriquecedora culturalmente como também torna o ensino menos cartesiano reducionista e mais afeito ao ensino sistêmico abrangente, que contempla uma criatividade lúdica no aprendizado sistematicamente inteligente. Há todo um trabalho interdisciplinar e extremamente complexo envolvido no uso das imagens, que também se apresentam numa linguagem própria, já que não são literatura escrita, e sim uma expressão artístico-comunicacional de linguagem própria, que contém informação visual, como asseveram muitos teóricos nacionais e estrangeiros, como Thierry Groensteen (2004), defendendo uma “alfabetização icônica”, por assim dizer. Se para o autor, deve-se considerar as histórias em quadrinhos como uma disciplina artística, tal qual a disciplina de história de arte ou a de música para se compreender e dar o real significado à linguagem gráfica sequencial, traz-se aqui um paralelo a que se verifique também a importância primordial (também obliterada) das imagens, das artes, no caso, sua importância como informação que traz subsídios para a mente que as vê. Não se defende apenas uma disciplina de Artes como as que existem, mas sim, uma disciplina de “Imagens” trazendo ao primeiro plano as pinturas, ilustrações e artes cujos contextos e temas são distintos do que se estuda normalmente no rol artístico, colocando os estudos delas não apenas *per se* (como objetos artísticos), mas suas simbologias e contextualizações imagético-informativas. Tais elucidações reforçam a teoria do cérebro triádico, que, segundo De Gregori (1999), traz o lado esquerdo cerebral, racional, tornando a vida pensada e atuada por base em particularizações e lógicas cartesianas, em que se exclui ou se mantém em última instância o funcionamento intuitivo e criativo do hemisfério direito (que foi impulsionado na antiguidade e as mitologias diversas), impedindo uma comunhão triádica cerebral (pelo cérebro central, o réptil, que é pragmático), privilegiando-se algumas instâncias em detrimento a outras, mas que, como se vê na **fig. 25**, deveria ser utilizado em proporcionalidade (o que afetou o ensino, erradicando a importância de se estudar as artes e o desenho). Assim, o hemisfério esquerdo cerebral, antes tido como dominante, deixa de ter tal denominação e é visto agora pela ciência como parte integrante (e integradora) do hemisfério direito (antes tido como obscuro),

que se mostra essencial, pois traz o novo, a criatividade, a intuição, o pensamento espiritualizado, que é decodificado e nomeado pelo esquerdo.

Assim, a ideia aqui é que as imagens, neste estudo de caso escolhido para as artes, em especial pinturas holísticas de Alex Grey, podem muito bem servirem de exemplo de como se resgata e se situa esse "ensinamento" icônico defendido por Groensteen (2004) e Andraus (2006).

REFERÊNCIAS

ANDRAUS, Gazy. **As Histórias em Quadrinhos como informação imagética integrada ao ensino universitário**. Tese de doutorado. USP: São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-13112008-182154/>

DE GREGORI, Waldemar. **Os poderes dos seus três cérebros**. São Paulo: Pancast, 1999.

GROENSTEEN, Thierry. **História em Quadrinhos: essa desconhecida arte popular**. Col. Quiosque 1. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2004.

Resultados de pesquisa da estudante Maria Regina Cerávolo

Levantou-se uma bibliografia para um percurso na História da Arte que aponta os momentos e movimentos que tiveram como proposta a busca de retratar as visões imaginadas e obtidas de forma diferenciada do ofício comum e que nos transportam para a arte visionária. É preciso conhecer estas etapas para adentrar ao significado profundo desta arte, que por vezes, passa despercebida aos olhos dos observadores.

Selecionamos os seguintes momentos da história da arte:

Arte pré-histórica

Hieronymous Bosch – 1450 – 1516;

Goya – 1746 - 1828;

William Blake – 1757 – 1827, período do romantismo;

Impressionismo no início, entendido como o primeiro movimento arte moderna;

Exemplos nas obras de Manet: almoço na relva e Olympia;

Decadentismo - Charles Baudelaire – antes do simbolismo;

Simbolismo - postura espiritual aberta com programa múltiplo de contraste contra a perfeição clássica ex: Gaspar David Friedrich;

Art nouveau.

Arte nova

Expressionismo: interioridade do artista com Die Bruke, Der Blaue Reiter e Kandinsky.

Arte abstrata

Surrealismo, figuração imaginativa;

Conceitos de Freud sobre a arte imaginativa;

Max Ernst;

Salvador Dali;

Surrealismo abstrato Joan Miró;

Hans Arp, perfeccionismo surpreendente.

Arte psicodélica

Arte visionária enquanto movimento histórico cultural;

Realismo fantástico e arte fantástica.

A sequência apresentada é longa, mas irá nos posicionar de forma consistente para o entendimento da arte visionária.

A Arte pré-histórica: a arte da pré-história se organizava nas grutas e criava nelas um espaço de ligação do mundo imediato dos homens a outro explicativo e útil. Neste contexto entendemos que a descoberta do ambiente, as crenças, os medos, a morte e a função social, fizeram com que o homem deixasse seus rastros e sua manifestação. A arte deve ser entendida como um registro de vidas e situações, entretanto, jamais saberá como estas criaturas sentiram e construíram seu imaginário.

Um dos grandes pesquisadores desse período, André Leroi-Gourhan (2007), nos apresenta a seguinte linha do tempo:

O início dos tempos humanos situa-se pelos confins da era terciária, há vários milhões de anos. Os primeiros seres verticais
rev. INTERESPE, nº 8, pp.01-117, jun.2017.

possuíam um cérebro muito pequeno, uma indústria limitada a um único utensílio de bordo cortante, e deles não se conhece absolutamente nada do domínio intelectual, nem, como é óbvio do domínio religioso. Há cerca de 500.000 anos deviam existir seres mais evoluídos, os Arcantropídeos (Pitecantropos, Sinantropos e Atlantropos), que possuíam várias formas de utensílios e cuja vida intelectual, apesar de totalmente desconhecida, foi explorada por hipótese (Sinantropos, culto dos crânios). Mais próximos de nós, há cerca de 100.000 anos, viviam os Paleantropídeos em particular o homem de Neanderthal, que está perto de nós e cuja existências se conhece melhor; foi ele o autor das primeiras inumações conhecidas até à data. Finalmente, há cerca de 30.000 anos ou mais tarde, (fig.6), aparece o homem actual, o homo sapiens, em relação ao qual pululam, através da arte, provas de um pensamento de carácter religioso. O Paleolítico termina aproximadamente há 10.000 e a humanidade prepara-se para passar da economia primitiva da caça, pesca e recolecção à economia agrícola e à criação de animais que conduzem directamente à civilização (LEROI-GOURHAN, 2017, p.26, 27)

Com estas precisas informações podemos dizer que o homem desde sempre desenvolveu sua capacidade de reflexão, ou seja, sua capacidade de traduzir em símbolos a realidade material do mundo que o cercava. Desta forma sabemos que a arte, como uma modalidade de pensamento existe e proporciona a capacidade de transmitir os sentimentos e a espiritualidade sempre estiveram presentes. Vejamos, agora a cronologia dos períodos e dos estilos do Paleolítico superior, definidos por Leroi-Gourhan (2007, p.87)

A ARTE RELIGIOSA

PERÍODO	ESTILO	CAVALOS	FIG. HUMANAS	SÍMBOLOS
MAULLENIENSE VICENTE	RECENTE			
MAULLENIENSE MÉDIO	ANTIGO			
MAULLENIENSE ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	ANTIGO			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			
MAULLENIENSE RECÉM-ANTIGO	RECENTE			

expressivo, com algo em torno de 100 mil sítios, pertencentes a épocas mais recentes, como os localizados na região do Saara e na região sul (Tanzânia, Angola, Namíbia e Zimbábue). A Austrália é outro território rico em arte rupestre (região de Laura, Pilbara e terra de Arnhem - Parque Nacional de Kakadu). As Américas - do Canadá à Patagônia - apresentam diversos sítios arqueológicos importantes. No Brasil, os sítios de São Raimundo Nonato, no Piauí, são os mais antigos; os exemplares europeus são mais recentes - a localização de Altamira, na Espanha, data do século XIX, fazendo com que se considerasse, durante algum tempo, ser a arte rupestre europeia a mais antiga. A despeito dos de Chavet, na França (região de Ardèche) e de La Viña (Astúrias, Espanha), parecem se localizar na Austrália (Carpenter's Gap, Kimberley) os exemplos mais remotos de arte rupestre (entre 30 mil e 40 mil anos).

Ainda que os estudos mencionem ser a arte rupestre mais frequentemente realizada ao ar livre, a arte das cavernas do paleolítico europeu é a que conhece maior popularidade (como a gruta de Lascaux, na França). A escolha dos espaços - grutas, fissuras de rochas, proximidade de lagos e outros -, está repleta de sentidos. Há uma tendência a interpretar as pinturas realizadas com auxílio de tochas na escuridão das cavernas, por exemplo, como feitas por xamãs em estado de transe. O fato é que o meio natural e suas relações com o mundo sobrenatural são elementos fundamentais para a análise dessas manifestações gráficas, cercadas de significados rituais, religiosos e cerimoniais. Já anotamos nessa fase o aparecimento da manifestação imagética não realista e sim espiritual. Segundo Leroi-Gourhan (2007, p. 26) "A propriedade elementar da linguagem consiste em criar, paralelamente ao mundo exterior, um mundo todo-poderoso de símbolos sem os quais a inteligência se revelaria ineficaz".

As técnicas empregadas constituem outro aspecto explorado pelas análises: a pintura parece ter sido a realização mais antiga, do que as gravuras. Os traços eram feitos com os dedos ou com a ajuda de utensílios; as cores, obtidas do carvão (preta), do óxido de ferro (vermelha e amarela). As substâncias líquidas - água, clara de ovo, sangue etc. - eram empregadas nas pinturas. Às diferentes técnicas e cores (muitas vezes superpostas) eram atribuídas a sentidos variados. No sul da Califórnia, por exemplo, o vermelho é considerado apropriado às cerimônias femininas.

Do ponto de vista do repertório, a arte rupestre compreende temas considerados universais. As linhas e os traços circulares, em geral gravados sobre a pedra, eram fartamente utilizados: no Havaí estão associados à fertilidade, sendo considerados frequentemente femininos; na Califórnia, apresentam-se ligados a formas de controle do tempo. Mãos e pés, juntos ou isolados, assim como pegadas de animais mostravam outra recorrência. Alguns são interpretados como ligados à mitologia, outros como "assinaturas". Sobre os signos abstratos: linhas, zigzagues, grafismos e formas geométricas, tem-se muitas dúvidas interpretativas.

Formas humanas e animais dominam na arte rupestre e também se fazem presentes as figuras fantásticas, objetos e cenas, domésticas ou de trabalho. A falta de registros sobre boa parte das sociedades que as produziram cria uma ambiguidade nos símbolos e dificuldades para se separar o universo profano do

religioso. Fala-se em arte que afirma uma presença, por meio da representação de mãos, pés e figuras; outra, que tem o sentido de testemunho, na medida em que, representa visualmente narrativas, eventos, cenas e mitos. Certos grafismos parecem representar o xamanismo; outros indicam formas de intervenção no mundo. Do ponto de vista de seus realizadores, classifica-se a arte rupestre como a dos povos caçadores-coletores arcaicos, dos caçadores evoluídos, a dos criadores de rebanhos e a das sociedades complexas. Em termos de estilo, fala-se no levantino (entre 6.000 e 4.000 a.C.) - quando a figura humana ganha importância e sua representação vem acompanhada de grande movimento, em cenas de dança, luta e caça - e na arte esquemática (localizada no fim da Idade do Bronze, entre 4.000 e 1.000 a.C.), quando ocorre maior simplificação e esquematização do desenho. As representações figuradas - homens e animais - convivem aí com uma profusão de inscrições abstratas.

Podemos dizer que pelo que temos conhecimento, estas manifestações constituem o primeiro testemunho do interesse do homem por formas insólitas e representa de algum modo a introdução à arte figurativa e, além disto, a primeira manifestação de um sentimento sobre a presença da natureza e de seus mistérios.

Algumas imagens (figuras 5-7) para ilustrar nossa hipótese:



Figura 27: Pintura da pré-história⁴.

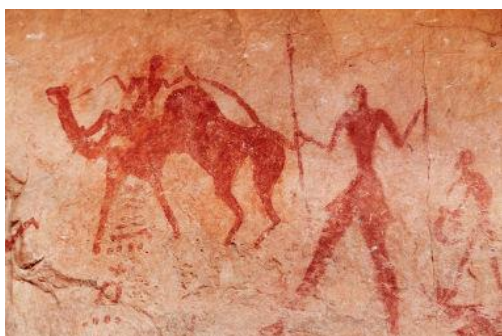


Figura 28: pintura da pré-história 2⁵.

⁴ fonte:WWW.google.com.br/pinturas da pré-história, acesso em 08/05/2017.

⁵ fonte:WWW.google.com.br/pinturas da pré-história, acesso em 08/05/2017.



Figura 29: pintura da pré-história 3.⁶

REFERÊNCIAS

GOMBRICH, E. H. **A História da Arte**. Trad. De Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

_____. **Arte e ilusão – um estudo da psicologia da representação pictórica**. Trad. Raul de Sá Barbosa. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2007.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Trad. Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1964.

LEROI-GOURHAN, André. **As religiões da pré-história**. Trad. Maria Inês de Franca Souza Ferro. Lisboa: Edições 70, 2007.

MIX. **Imagens**: www.arte.pré-histórica/cultura – cultura mix – pesquisa por imagem, em 08/05/2017.

⁶ fonte:[www.google.com.br/pinturas da pré-história](http://www.google.com.br/pinturas-da-pré-história), acesso em 08/05/2017.